

“Há algum problema na fila de trás?” — era o cartaz de uma «miss» de Direito, de vermelhinho vestida, que entre os seus doutores fazia das tripas coração para se manter de sorriso rasgado. Mas que adiantava franzir o sobrolho, se a «malta» estava ali para se divertir?

CALOIROs ANIMARAM COIMBRA

• COSTA SANTOS (texto) VÍTOR RAMOS (fotos)

O S. Pedro não esteve pelos ajustes e, mesmo na hora da saída da Latada, integrada na Semana do Caloiro da Universidade de Coimbra, uma forte chuva fez com que as pessoas, que se amontoavam nos passeios do trajecto, recuassem a um sítio seguro. Mas a «malta», protagonista da festa, não se importou com os pingüinhos mandados por S. Pedro e, sem preocupação, ia for até à Baixa, dando largas à sua irreverência, à sua alegria, enfim, esquecendo por momentos os problemas que afectam a vida estudantil e entregando-se, de alma e coração — alguns bem cedo —, nos braços do Deus Baco, desta feita já de costas viradas ao espumoso baratinho, mas de mãos cheias pelas «Topázios» da do sítio, brancas ou pretas, que o estômago não é racista!

Naturalmente que esta apresentação à cidade de Coimbra dos seus caloiros, coincide, também, com o primeiro dia em que os novos greiados e fiteados exibem as suas insignias académicas e, face a elas, «têm o direito» de nobilitar os caloiros — os que frequentam, pela primeira vez, a Universidade — e de lhes incumbir determinadas tarefas que passam, imediatamente, por «actos de vaselagem» nos mais variados tons e sons, a que a corda com latas bem martadas e pressas aos pés é tónica quase geral.

Depois, cada caloiro traz o seu cartaz, vem pintado da forma mais berrante e, claro, tem de obedecer cegamente à ordem do «doutor», que tanto lhe pode mandar fazer uma declaração de amor em altos gritos, repetidas vezes, como a andar de bandeja na mão, pedindo uma «camolinha» para o «fardo de palha» que se há-de comer ao jantar!

Com chuva ou sem ela, a verdade é que, nestas situações, Coimbra vive momentos diferentes. Não há quem se mantenha sério ante um desfile onde os cartazes picarescos surgem amiúde, quem volte as costas a

uma declaração de amor, dita, ternamente, por qualquer caloiro, sob o olhar atento do «patrão».

«Caloiro, não toques, é animal perigoso!», — «Obrigado, mas... uso a pilula!», — «Traseiro, aluga-se. Anti-Sida!» — alguns dos muitos e variados cartazes que, com maior ou menor aceitação, os caloiros ostentavam, pregadinhos no bibe da escola, com bordado e tudo, ou colados a adesivo na camisola interior. Se quiserem, a irreverência de uma academia que aposta no ressurgir das tradições académicas, perdidas na crise de 1960.

Algumas horas de um cortejo que — repete-se — não teve o tempo pelo seu lado. Mas nem por isso a cidade se divorciou da sua academia, nem por isso se quebrou a tradição de umas quantas bebedeiras «de caixão a cova» que, obviamente, deram que fazer aos serviços de urgência e ao 115.

Por certo, depois de umas quantas garrafas de cerveja bebidas, de uns quantos cálices de um espumante «caído do céu» o Morfeu tomou conta dos foliões, mesmo que o dinheiro conseguido para os «fardos de palha» para o jantar fizesse prever um banquete de alta qualidade!



«Caloiro — Não tocar, perigoso e dá coice», uma das frases que apareceram na Latada da Universidade de Coimbra

HISTÓRIA DAS LATADAS

É bem difícil um pouco de história desta tradição académica que remonta ao século XIX, quando os estudantes — nessa altura — manifestavam a sua satisfação pelo final do ano lectivo.

As comemorações eram idênticas, isto é, o importante era fazer barulho, marcar presença, impor e «desenhasar».

Sé no decurso do século XX (do século XX, claro) é que as latadas passam para o início dos anos lectivos, com o mesmo cerimonial que hoje tem, isto é, o cortejo depois da imposição das insignias com as cores da respectiva Faculdade. Uma única diferença: antes da crise académica de 1960, cada Faculdade fazia a sua própria Latada; agora, todas as Faculdades se juntam e, em lugar de haver cinco ou seis, há apenas uma única Latada, com todos os caloiros, todos os greiados e fiteados.

C. S.

Festa académica em Coimbra Imposição do «grelo» e «roubo do nabo» no «cortejo da latada»

Os sinos da Torre da Universidade de Coimbra mantiveram-se calados ontem, não convocando para as aulas os alunos e facilitando com o seu silêncio uma festa de imposição das insignias académicas descontraída e barulhenta.

Logo de manhã, os universitários com direito a «grelo» concentraram-se junto à porta férrea onde se entreajudaram na operação de compor os laços nas respectivas pastas.

Depois de alguns «Effernás» e outras manifestações de alegria, os novos «greiados» des-

ceram ao Mercado D. Pedro V para «o roubo do nabo», um jogo que so os mais «sutis» conseguiram levar a bom termo.

As mulheres das bancas da hortalica já sabem que nesta efeméride têm de estar particularmente atentas à «malta», sem o que regressam a casa sem carregos e sem dinheiro.

Além do «grelo» (fitas estreitas), os estudantes que receberam essa insignia pessoal ornamentam as suas pastas também com nabos que ostentam durante o «cortejo da latada», que decorreu a tarde.

Actividades socio culturais
Univ. Coimbra